










O envelhecimento visto do cárcere: análise psicossocial da Velhice LGBT a partir de pessoas em privação de liberdade de um estado brasileiro em tempos de COVID-19

Maria Fernanda Lima Silva ¹ , Ludgleydson Fernandes de Araújo ^a , Mateus Egilson da Silva Alves ^a , Igor Eduardo de Lima Bezerra ^a , Evair Mendes da Silva Sousa ^a , Jéssica Gomes de Alcântara ^a , Gutemberg de Sousa Lima Filho ^a , Emanuele Leal da Silva ^b , & Lucineide Maria da Silva Souza ^c  ²

Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Brasil ^a; Secretaria de Justiça do Piauí, Teresina, Brasil ^b; Secretaria de Saúde de Picos, Picos, Brasil ^c.

RESUMO

A velhice é um fenômeno universal que tem se expandido na população brasileira de modo notório, inclusive dentro do sistema prisional. No entanto, a chegada do coronavírus nas penitenciárias do Brasil reforçou a necessidade de olhar com atenção para as vulnerabilidades psicossociais que perpassam esse ambiente e afetam a população em cárcere. O estudo objetivou analisar e comparar as representações sociais de mulheres e homens em privação de liberdade sobre as condições que idosos LGBT's possuem de vivenciarem uma velhice segura no contexto em que vivem. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, de caráter descritivo e comparativo, com dados transversais e amostra não-probabilística por conveniência. Contou-se com 28 pessoas vivendo em privação de liberdade em Unidades Penais masculinas e femininas, durante o período de pandemia em um estado brasileiro. Evidenciam-se que nas representações dos participantes, a velhice não é uma fase repleta de tranquilidade, pois existem condições e recursos necessários para vivê-la bem. Conclui-se há predominância de muitos estereótipos sobre a orientação sexual, o estilo de vida, a solidão na velhice e sobre a sexualidade entre idosos, o que pode ser justificado pela ausência de conhecimento sobre a temática ou até mesmo a falta de contato com pessoas LGBT's.

Palavras-Chave

COVID-19, envelhecimento, representações sociais, sistema prisional, velhice LGBT

ABSTRACT

Old age is a universal phenomenon that has notably expanded in the Brazilian population, including within the prison system. However, the arrival of the coronavirus in Brazilian prisons reinforced the need to pay attention to the psychosocial vulnerabilities that permeate this environment and affect the population in prison. The study aimed to analyze and compare the social representations of women and men in deprivation of liberty about the conditions that LGBT elderly people have to experience a safe old age in the context in which they live. It is characterized as a qualitative research, based on the Theory of Social Representations, of a descriptive and comparative nature, with cross-sectional data and a non-probabilistic convenience sample. There were 28 people living in deprivation of liberty in male and female penal units, during the pandemic period in a Brazilian state. It is evident that in the representations of the participants, old age is not a phase full of tranquility, as there are conditions and resources necessary to live it well. It is concluded that there is a predominance of many stereotypes about sexual orientation, lifestyle, loneliness in old age and sexuality among the elderly, which can be justified by the lack of knowledge on the subject or even the lack of contact with people LGBT's.

Keywords

COVID-19, aging, social representations, prison system, LGBT old age

¹ Correspondence about this article should be addressed **Mateus Egilson da Silva Alves**: mateusegalves@gmail.com

² **Conflicts of Interest:** The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Aging seen from prison: psychosocial analysis of LGBT old age from people deprived of liberty in a Brazilian state in times of COVID-19

Introdução

Muito associada a última etapa do ciclo vital, a velhice é um fenômeno universal que tem se expandido na população brasileira de forma notória. Os marcadores do envelhecimento populacional deste país registram que nas últimas décadas a expectativa de vida, que em 1940 era de 45,5 anos, em 2018 passou para 76,3 anos (IBGE, 2019). No entanto, isto não implica dizer que necessariamente existam melhorias nas condições de vida de toda pessoa em processo de envelhecimento, cuja categoria continua socialmente vulnerável diante da inabilidade das políticas públicas e da ideologia contemporânea que percebe o corpo envelhecido como inútil e descartável (Wacheleski & Gershenson, 2018).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o início de pandemia causada pelo novo coronavírus, a doença responsável por fazer com que o Brasil e o Mundo adotassem medidas de segurança, a exemplo – o isolamento e distanciamento social (Organização Mundial da Saúde, 2020). Isto se deu porque as análises elementares mostraram que a população maior de 60 anos estava mais vulnerável à doença, fato que justifica os primeiros óbitos no contexto brasileiro ocorrerem entre pessoas idosas (Sánchez et al., 2020).

Por conseguinte, é incontestável que o sistema prisional também engloba pessoas envelhecidas. Assim, permitiu-se por meio deste estudo dar visibilidade para esse ambiente até então caracterizado como insalubre, hostil, gerador de danos físicos e mentais em toda a sua população em privação de liberdade, inclusive os idosos, cujos são considerados passíveis de alto risco de sofrer violação de seus direitos fundamentais (Ghiggi, 2018). Com isso, percebe-se que a pandemia realçou a desigualdade entre idosos, haja vista que neste contexto os indivíduos se tornam vulneráveis pelas péssimas condições de vida vinculada à dificuldade de ter acesso à saúde de qualidade e que mesmo reclusos da sociedade podem ser acometidos pelo novo coronavírus (Santana Filho, 2020).

É notório que a sociedade contemporânea atribui ao envelhecimento natural um olhar atencioso para dilemas comumente associados a ele, como: saúde do corpo físico e da mente, sexualidade, estereótipos, preconceitos, dentre outras implicações com a pessoa envelhecida (Araújo, 2022; Sousa et al., 2022). Essas questões fomentam a necessidade de se conhecer qual a visão que pessoas dentro do cárcere possuem sobre o

envelhecimento, tendo em vista que os encarcerados em questão compõem e sobrevivem nos mesmos espaços sociais dos idosos dentro e fora das penitenciárias. Assim, fortalece-se a importância de se conhecer o que esses indivíduos pensam sobre o bem-estar dos idosos LGBT's, de modo a considerar as diferenças entre gênero, crenças, condições socioeconômicas, experiências e o contexto no qual está inserido. Portanto, conhecer tais representações também fomentará para pensar-se e planejar ações e manejos sociais dentro desses espaços.

Cabe a essa discussão abordar implicações de orientação afetivo-sexual e de identidade de gênero entre pessoas idosas, a fim de dar visibilidade aos idosos LGBT's. O conceito de orientação sexual é compreendido como a condição de se relacionar de forma afetiva, emocional ou sexual com outras pessoas e que, popularmente, possui três categorias: a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade (Miguel & Petroni, 2020). Portanto, diferente do que é defendido na sociedade tradicional, a sexualidade não deixa de existir na velhice, mas passa a ser compreendida em diferentes realidades, de forma dinâmica, que flui para múltiplas dimensões ao ponto de a velhice e a sexualidade serem consideradas aspectos inseparáveis (Silva & Araújo, 2020).

A chegada do coronavírus nas penitenciárias do Brasil conseguiu transformar uma realidade de desafios em teste de sobrevivência. A superlotação, as péssimas condições de infraestrutura e salubridade, a ausência de contato com familiares e de ações sociais são aspectos que fomentam o adoecimento físico e mental de milhares de pessoas vivendo no sistema penitenciário brasileiro. Não obstante, notou-se que o contexto pandêmico propiciou a interrupção de laços familiares, que até então já eram restritos, bem como dificultou o acesso às ações de inserção social para a população carcerária do País (Silva et al., 2021).

No ranking internacional, o Brasil ocupa a 3ª posição em número absoluto de presos, ficando atrás apenas da China e dos Estados Unidos da América. Com a chegada da pandemia houve uma redução no número de presos, que atualmente corresponde a aproximadamente 759.518 pessoas em privação de liberdade (DEPEN, 2020). Todavia não houve redução na superlotação dos presídios, o que favorece a propagação de várias doenças, inclusive na transmissão do novo coronavírus, bem como dificulta a realização de planos para um futuro de incertezas e inseguranças.

Frente ao exposto, este estudo busca fazer uma identificação e análise das representações sociais de mulheres e homens em privação de liberdade frente as condições que idosos LGBT's possuem de viverem uma velhice segura no Brasil. Este trabalho

fundamenta-se na Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici e Jodelet, que consiste em uma abordagem empírica, com foco no senso comum da população, a fim de conhecer as representações destes sobre uma determinada temática (Jodelet, 2018).

A relevância dessa pesquisa se dá em direcionar o cuidado para uma população duplamente excluída e condenada, que dever ser feito ao considerar as condições socioeconômicas, a diferença entre homens e mulheres e as vulnerabilidades sociais presentes na realidade de pessoas em privação de liberdade, uma vez que o tempo para os detentas(os) é percebido sob uma ótica diferente de quem está do outro lado dos muros.

Método

Tipo de investigação

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter descritivo e comparativo, com dados transversais e amostra não-probabilística por conveniência.

Lócus da investigação

Pessoas vivendo em privação de liberdade em Unidades Penais masculinas e femininas ~~no estado de~~ **xxxxx, Brasil**. Participaram da pesquisa homens de uma única penitenciária masculina e mulheres de duas penitenciárias femininas vivendo sob regime fechado durante o período de pandemia no Brasil.

Participantes

Contemplou-se a participação de 28 pessoas em privação de liberdade, que consentiram em participar voluntariamente da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Dessas, 14 eram do sexo feminino com idades entre 21 e 53 anos ($m = 33,42$; $dp = 9,13$); com média de sentença de 130,42 meses ($dp=131,16$); de estado civil predominante 57,1% solteiras. No fator religiosidade 50% declararam-se evangélicas; frente a orientação sexual 71,4% heterossexual, 14,3% são homossexual e 14,3% bissexual. Na variável escolaridade 71,4% tem apenas o ensino fundamental e todas declararam não possuir Renda Mensal.

Os outros 14 participantes eram do sexo masculino, com idades entre 22 e 41 anos ($m = 30$; $dp = 5,05$); sob estado civil predominante 46,7% casados; sendo maioria de religião evangélica (53,3%); declarados ser de Orientação Heterossexual (100%) e com

ensino médio (53,3%). No que concerne a renda mensal 40% recebem entre 2 e 3 salários mínimos, 20% recebem entre 3, 4 ou acima de 4 salários mínimos, e apenas 13,3% recebe até um salário mínimo.

Instrumentos

Utilizou-se dois instrumentos de viés comparativo para coleta de dados com cada grupo (masculino e feminino). O primeiro consiste em um questionário sociodemográfico com aspectos que caracterizam a amostra: idade, sexo, estado civil, renda, religião, escolaridade, orientação sexual e tempo de reclusão; e o segundo instrumento é a entrevista semiestruturada que tem como questão norteadora “*Você acredita que os idosos LGBT possuem condições seguras para viver a velhice de forma tranquila?*”.

Procedimentos Éticos

Este estudo recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal, XXXXX, com parecer nº 1.755.790. Enfatiza-se que todos os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que contém esclarecimentos sobre a pesquisa, possíveis riscos e implicações com a participação, assegura-se o sigilo de dados que possam identificar o voluntário (a). Ressalta-se que foram seguidos e mantidos os princípios da Bioética em pesquisa: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (Borges, Barros, & Leite, 2013).

Procedimentos de Coleta de dados

Diante de um contexto pandêmico que instigou a proibição temporária de visitação nas Unidades Penais brasileiras, algumas medidas foram necessárias para que a coleta de dados ocorresse de forma presencial sem ofertar riscos à população em cárcere que ainda se encontrava não vacinada. Buscou-se contato com 3 psicólogas que trabalham em diferentes penitenciárias ao que estas se disponibilizaram para a apresentação da pesquisa à direção das Unidades Prisionais das quais obteve-se resposta de autorização. Realizou-se o preparo prévio sobre o manuseio do instrumento de pesquisa com as profissionais e estes seriam aplicados de forma aleatória, conforme a demanda de trabalho psicológica na rotina do local. O tempo médio de aplicação foi de 30 minutos e por respeito as limitações dos participantes em relação à escolaridade, a pouca prática de

escrita e leitura, entre outros fatores, com registros escritos efetuados pelas próprias coletadoras de dados.

Análise dos Dados

A análise dos dados sociodemográficos foi realizada no software *SPSS for Windows* versão 21 o qual forneceu as estatísticas descritivas necessárias para a caracterização da amostra. O conteúdo das entrevistas semiestruturadas foram organizados no *software LibreOffice* e analisadas pelo *software Iramuteq*, no qual efetuou-se o Método da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), visando compreender a relação das classes de segmento de texto, previamente organizadas nas Unidades de Contexto Inicial (UCI), utilizados na construção de um único dendograma, visto que as respostas de ambos grupos foram agrupadas no mesmo banco de dados.

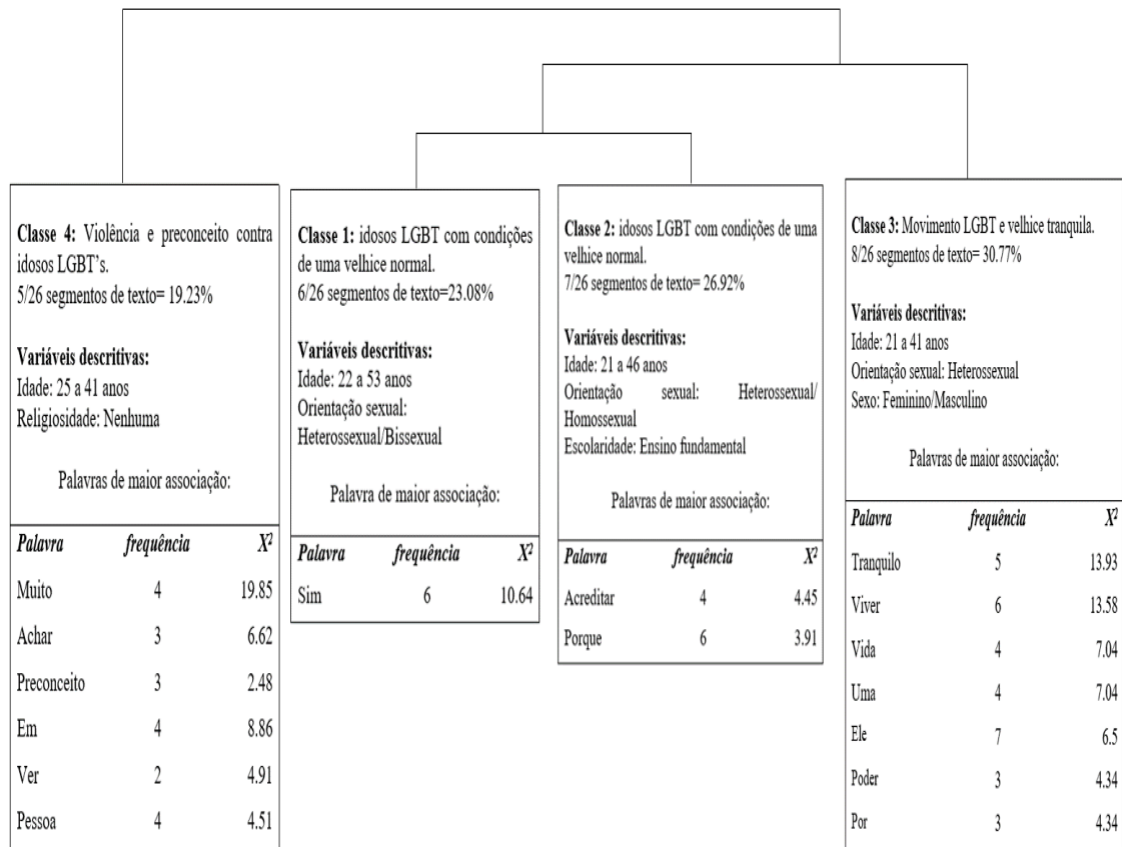
Resultados

O corpus geral foi constituído por 28 textos (UCI), separados em 33 segmentos de texto (ST), com aproveitamento de 26 ST (78.79%). Surgiram 674 ocorrências (palavras, vocábulos ou formas), sendo 265 o número de formas distintas e 175 palavras que aparecem uma única vez. O conteúdo analisado foi categorizado em 4 classes: classe 1 com 6 ST (23.08%); classe 2 com 7 ST (26.92%); classe 3 com 8 ST (30.77%); e a classe 4 com 5 ST (19.23%); e encontram-se subdivididas em três ramificações.

O primeiro campo refere-se às *Concepções de preconceito e violência*, formado pela classe 4 e nomeada como *Violência e preconceito contra idosos LGBT*. No segundo estão alicerçadas as *Convicções de que a velhice LGBT pode ser vivenciada de forma normal*, composta pelas classes 1 e 2 igualmente nomeadas *Idosos LGBT com condição de uma velhice normal*. E o último campo abrange a postura dos indivíduos dentro do *Movimento LGBT como oposto à velhice tranquila*, cujas RS estão configuradas na classe 3. Para organizar os dados obtidos na Classificação Hierárquica Descendente (CHD), criou-se um dendograma com vocábulos de valores significativos, no qual o valor de X^2 é acima 3.80 ou $p < 0,05$ (Figura 1).

Figura 1

Dendograma com Representações Sociais de pessoas em privação de liberdade sobre a Velhice LGBT



Concepções de preconceito e violência com a população LGBT (Classe 4)
Classe 4: Violência e preconceito contra idosos LGBT

O discurso presente nessa categoria está representado por uma realidade brasileira agressiva, violenta e preconceituosa perceptível por pessoas de diferentes coortes e culturas. Os participantes expressam representações onde a violência é utilizada para maus tratos, perseguir e assassinar pessoas LGBT, vinculada ao preconceito da sociedade e da própria família, de modo a impossibilitar uma velhice tranquila nos dias atuais para essa população. Assim, torna-se incontestável, seja por narrativas ou por observar casos sem denúncias onde a vítima de diferentes tipos de violência é um idoso. Conforme as variáveis descritivas, a idade dos participantes é de 25 a 41 anos, majoritariamente sexo masculino, e apesar de que as respostas dos indivíduos sem religião tenham obtido maior significância, a maioria declarou-se evangélicos. As palavras de maior frequência foram: *muito, achar, preconceito, em, ver, pessoa.*

Soma-se a isto, está classe é considerada de menor poder explicativo, com representatividade de apenas 19.23% (5/26 UCEs) do dendograma. Em seu conteúdo, ser idoso LGBT nos dias atuais é estar suscetível a enfrentar muitos preconceitos e uma velhice tranquila é pura ilusão, de acordo com relatos a seguir:

“Acredito que não! É pura ilusão. O que se vê nas estatísticas e no noticiário é que essas pessoas que tem esse comportamento sexual só se depara com sofrimento no final, às vezes são assassinadas e judiadas, vítimas de muito preconceito” (Participante 14, masculino, 41 anos, heterossexual, evangélico).

“Eu acho que nesse mundo de hoje não por conta do preconceito, é muito ódio por parte de pessoas que não tem respeito” (Participante 8, masculino, 25 anos, heterossexual, evangélico).

“Acho. Tem muitas pessoas que não gostam, já vi na TV um caso onde pessoas viram um casal desse jeito e agrediram com pedras, paus, facadas... tem pessoas que não gostam né?” (Participante 5, masculino, 22 anos, heterossexual, sem religião).

“Não. Porque vão enfrentar muitos preconceitos” (Participante 2, feminino, 39 anos, heterossexual, católica).

Convicções de que velhice LGBT pode ser vivenciada de forma normal (Classes 1 e 2)

Classe 1: Idosos LGBT com condição de uma velhice normal

Conforme as variáveis descritivas, a caracterização dessa classe se dá com idades entre 22 e 53 anos, orientação heterossexual e bissexual, com o mesmo número de mulheres e homens na categoria. Aqui apenas a palavra “Sim” (f=6; $X^2=10.64$) apresentou valor significativo, muito utilizada para elucidar a existência de condições de viver uma velhice tranquila e normal como a de qualquer outra pessoa. No tocante ao valor representativo, a mesma é composta por 6 UCEs que apresenta 23.08% da representatividade do dendograma. Neste sentido, os participantes apresentam a aposentadoria, a força de vontade dos idosos LGBT, que para muitos são pessoas normais, como fatores que contribuem para uma velhice tranquila, conforme os seguintes relatos:

“Acho que sim, porque dever ser aposentados, como tem isso então acho que consigam. Mas não sei se a sociedade entende que é normal. Talvez para eles seja normal, mas para a sociedade não seja.” (Participante 3, masculino, 33 anos, heterossexual, ensino fundamental).

“Sim, porque são pessoas normais. O que muda é apenas a opção sexual”
(Participante 7, feminino, 25 anos, bissexual, ensino médio).

“Sou o tipo de pessoa que não tem preconceito, mas creio que se for da vontade deles têm condições sim” (Participante 13, masculino, 36 anos, heterossexual, ensino médio).

Classe 2: Desafios da velhice e do processo de envelhecer

Verificou-se que os participantes desta categoria possuem entre 21 e 46 anos, maioria mulheres, de orientação heterossexual ou homossexual, com nível de ensino fundamental e religião evangélica. No tocante as palavras de maior frequência apenas “Acreditar” ($X^2=4.45$; $f=4$) e “Porque” ($X^2=3.91$; $f=6$) obtiveram valores significativos na CHD de palavras, com representatividade maior que a classe 1. Com isso, a classe é formada por 7 UCEs que corresponde a 26.92% das representações encontradas.

Oposto a classe 1, o conteúdo dominante na classe 2 está relacionado as dificuldades de se ter uma velhice tranquila, uma vez que são apontadas: a necessidade de companhia, as alterações físicas do corpo, alterações da mente, custos de manutenção de vida altos para essa população, o dinheiro como essencial para qualidade de vida e o risco de solidão. Ademais, também se verificou uma resposta referente à crença de que LGBT não são de Deus e isso os impede de terem uma velhice digna. Com efeito, os discursos abaixo majoritariamente defendem que não há condições de uma velhice tranquila para a população LGBT, ao expressarem:

“Não acredito, porque são idosos, a mente fica mais fraca, mais frágil. Para eles conseguirem um parceiro vão ter que arcar com as despesas, com outras coisas com dinheiro, vão ter que suprir a necessidade daquela pessoa” (Participante 4, masculino, 32 anos, heterossexual, espírita, com ensino médio).

“Acredito que se não for através do dinheiro, eles não conseguem” (Participante 5, masculino, 32 anos, heterossexual, espírita, com ensino médio).

“Não, porque sempre precisam de cuidados e ter uma pessoa ao lado para ajudar” (Participante 6, feminino, 21 anos, homossexual, católica, com ensino fundamental).

“Não, porque eles não têm o perdão de Deus” (Participante 1, feminino, 46 anos, heterossexual, evangélica, com ensino fundamental).

Ao comparar as respostas, percebe-se que as RS do público masculino estão voltadas para condições e papéis patriarcais da sociedade, como a necessidade de dinheiro para obter qualidade de vida, a responsabilidade de suprir as demandas do lar e do parceiro (a), enquanto as respostas das mulheres estão direcionadas para crenças e valores sociais, como a necessidade de ter alguém para cuidar e a relação de que ser LGBT é um pecado imperdoável por Deus.

Movimento LGBT como oposto à velhice tranquila (Classe 3)

Classe 3: Representação sobre LGBT e velhice tranquila

A classe 3 fora composta por participantes de ambos os sexos, sendo a maioria homens, com idades entre 21 a 41 anos, de orientação heterossexual e predominância da religião evangélica. Com alto poder explicativo, a representatividade dessa classe se dá por meio de 8 UCEs que equivalem a 30.77% das representações encontradas na análise semântica. Logo, as palavras que alcançaram maior associação com a classe foram: *tranquilo, viver, vida, uma, ele, poder, por*.

“O preconceito sempre vai existir. Eu acho que pode sim, porque não? Eu acho que, por exemplo, sou um presidiário então eu vou procurar tudo para viver uma vida tranquila. Assim também é com eles” (Participante 6, masculino, 33 anos, heterossexual, sem religião).

“Não. Dá forma que eles vivem é uma escravidão, não tem como viver tranquilo, o sentimento se torna mais forte do que eles” (Participante 9, masculino, 29 anos, heterossexual, evangélico).

“Não. Acredito que vem muita perseguição por conta do preconceito que eles sofrem no dia a dia e faz com que eles sofram e não seja uma vida tranquila” (Participante 11, masculino, 29 anos, heterossexual, evangélico).

“Sim. Ele bota na mente dele que já viveu bastante, mas a velhice não é o fim. Enquanto há vida, há esperança, e assim ele segue, assim, em frente” (Participante 2, masculino, 27 anos, heterossexual, católico).

“Não estou dizendo que sou preconceituoso, mas é o que eles vivem, é o que se deparam no dia a dia, no convívio social. Nem todo mundo vê com bons olhos, ainda mais por ser idoso acredito que o preconceito seja mais forte” (Participante 14, masculino, 41 anos, heterossexual, evangélico).

“Não, pois esse movimento de diversidade LGBT requer uma vida de baladas, de saídas, mesmo que a pessoa seja de casa, mas ela tem que se movimentar, tem que sair”
(Participante 7, masculino, 31 anos, heterossexual, evangélico).

Desse modo, percebe-se que a classe 3 apresenta maior nível de representatividade com 8/26 (30.77%) ST, seguida da classe 2 com 7/26 (26.92%) ST. Também se verificou que ambas as classes abordam representações sobre o estilo de vida de idosos LGBT e condições necessárias para se vivenciar uma velhice tranquila.

Discussão

Abordar as representações sociais de pessoas em privação de liberdade por meio da Teoria das Representações Sociais, em contexto de pandemia, possibilitou o diálogo comparativo sobre a velhice LGBT vista do cárcere de mulheres e homens brasileiros. Ressalta-se que o foco deste estudo se deu em conhecer as divergências e semelhanças nas representações expostas pelos participantes, visto que apesar de ambos viverem reclusos da sociedade, apresentam experiências e vivências subjetivas ao ambiente prisional, do grupo social e da realidade de vida de cada sujeito. Desse modo, buscou-se dar voz para essa população expressar sua forma de ver o mundo, enquanto obtinha-se conhecimento sobre as representações frente a velhice LGBT.

Todavia, neste estudo os participantes não apresentaram o fator pandêmico como preocupação central da vida no ambiente carcerário. Acredita-se que isso ocorre por conta das demandas naturais desses espaços, sob as quais lida-se diariamente e que acomete a todos os sujeitos em privação de liberdade.

Este estudo buscou versar sobre três temáticas essenciais: pessoas em privação de liberdade, velhice LGBT e pandemia da covid-19. No entanto, percebe-se que articular os desafios que perpassam cada uma desses aspectos, suas fraquezas e fortalezas, os pontos frágeis e seguros, que tornam seus envolvidos extremamente vulnerais a aspectos psicossociais não é uma tarefa fácil, e exige mais estudos com maior número de participantes e em outras regiões do Brasil.

Ressalta-se que embora a velhice LGBT e pessoas em privação de liberdade não sejam eventos inéditos, são poucos os estudos que se preocupam em conhecer e contribuir para o bem-estar desses indivíduos, uma vez que ainda há resistência por grande parte da sociedade heteronormativa e religiosa em aceitar concepções diferentes das suas doutrinas, o que fomenta na rejeição e exclusão de ambas populações.

Dessa forma, direcionar as pesquisas sociais para populações vulneráveis deve ser visto como uma necessidade nos núcleos de pesquisas brasileiros, principalmente os psicológicos, visto que essa área tende a sofrer grande impacto com as mudanças de cenário e suas devidas afetações, a exemplo da pandemia da covid-19, que diante das incertezas de um futuro, tem assombrado e impactado na forma da sociedade em cárcere de pensar sobre o envelhecimento.

Referências

- Alves, M. E. S., & Araújo, L. F. (2020). Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: Compreensões Para a Velhice de Negros LGBTI+. *Revista de Psicologia da IMED*, 12(2), 161-178. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2020.v12i2.3517>
- Araújo, L. F. (2022). Desafios da Gerontologia frente à velhice LGBT: aspectos psicossociais. In: E. V. de Freitas e L. Py. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 1331-1335). 5ed. Guanabara Koogan.
- Borges, L. O., Barros, S. C., & Leite, C. P. R. L. A. (2013). Ética na pesquisa em Psicologia: princípios, aplicações e contradições normativas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(1), 146-161. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000100012>
- Debert, G. G. & Henning, C. E. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, 6(63), 8-31. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2020). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias. Recuperado de: <https://www.gov.br/depen/pt-br/sisdepen>.
- Fredriksen-Goldsen, K., Kim, H., Bryan, A., Shiu, C., Emler, C. (2017). "The cascading effects of marginalization and pathways of resilience in attaining good health among LGBT older adults". *The Gerontologist*. 57 (suppl_1), 72-83. <https://doi.org/10.1093/geront/gnw170>.
- Ghiggi, M. P. (2018). Envelhecimento e cárcere: vulnerabilidade etária e políticas públicas. *Revista Mais-60 Estudos sobre Envelhecimento*, 29(71), p.8-29. Recuperado de: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/1005>
- Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 283-323. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>
- IBGE (2019) Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2018: *Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. IBGE.
- Jesus, L., Santos, J., Fernandes, L., Salgado, A., Fonseca, L. (2019). "Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF)". *Summa Psicológica UST*. 16 (1), 27-35. <http://doi.org/10.18774/0719-448x.2019.16.1.410>.

- Jodelet, D. (2018). Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. *Sociedade e Estado*, 33(2), 423-442. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302007>
- Lopes, A. M. S., Tedde, C., Gomes, M. F. P., Higa, E. de F. R., Marin, M. J. S., & Lazarini, C. A. (2020). Idosos privados de liberdade: Expectativas sobre a vida após cumprimento da pena. *New Trends in Qualitative Research*, 3, 411–422. <https://doi.org/10.36367/ntqr.3.2020.411-422>.
- Mesquita, D. T. & Perucchi, J. Não apenas em nome de deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2016, v. 28, n. 1, pp. 105-114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>
- Miguel, D. F., & Petroni, T. N. (2020). Expressões, representatividades e interações sociais de pessoas idosas LGBT: um recorte artístico-cultural. In: L. F. Araujo, H. S. Silva (Orgs.), *Envelhecimento e Velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 89-101). Alínea.
- Moscovici, S. (2017). Representações sociais: investigações em psicologia social. (11a ed.). Vozes.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2020, 11 de março). Pandemia de doença por coronavírus (COVID-19). Recuperado de: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>.
- Paveltchuk, F. O. & Borsa, J. C. (2019). Homofobia internalizada, conectividade comunitaria e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 47-61. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6155>
- Resolução nº14, de fevereiro de 2021. Dispõe sobre a vacinação dos Servidores do Sistema Prisional e de Pessoas Privadas de Liberdade no plano nacional de Operacionalização da vacina contra a Covid-19. Recuperado de: <https://www.gov.br/saude/pt-br>.
- Sánchez, A., Simas, L., Diuana, V., & Larouze, B. (2020). COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública? *Cadernos de Saúde Pública*, 36(5). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00083520>
- Sánchez, A., García, A. M., Almeida, B. C., Melo, B. D., Pereira, D. R., Julião, E., ... Diuana, V. (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: COVID e a população privada de liberdade. *Fiocruz/CEPEDES* [Cartilha]. Recuperado de: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41680>

- Santana Filho, H. P. D. (2020). Idosos encarcerados em tempos de pandemia no Brasil: uma ilegalidade (ainda mais) escancarada. *SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Envelhecimento em tempos de pandemias*. Recuperado de: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/2973>
- Silva, H. S., Araújo, L. F., (2020). Velhice LGBT: Apresentação de um panorama de estudos nacionais e internacionais. In: L. F. Araujo, H. S. Silva (Orgs.), *Envelhecimento e Velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais* (pp. 15-16). Alínea.
- Silva, E. L., Jardim, R. B., Bonfim, K. L.F., Silva, G. A., Nunes, D. C., & Junior, D. F. C. (2021). Percepções do sofrimento psíquico: os vínculos afetivos com familiares de presidiárias. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(5), e6938. [doi:10.25248/reas.e6938.2021](https://doi.org/10.25248/reas.e6938.2021)
- Sousa, E. M. S., Alves, M. E. S., Araújo, L. F., Bezerra, I. E. L., Silva, M. F. L., Lima Filho, G. S., & de Alcântara, J. G. (2022). Pessoas vivendo com VIH, pessoas LGBT e vivências interseccionais: concepções de adultos jovens sobre a velhice e o envelhecimento. *Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social*, 8(2), 1–14. <https://doi.org/10.31211/rpics.2022.8.2.243>
- Wacheleski, N. R., & Gershenson, B. (2018). As experiências sociais da velhice no cárcere. *Mais60: estudos sobre envelhecimento*, 29 (72), p. 27-46. Recuperado de: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12898>

Received: 2021-12-29

Accepted: 2022-11-21